

# Rede Globo de Televisão e cultura: representação das favelas brasileiras através do programa “Esquenta!”

Ana Carolina Ferreira de Souza\*

## Índice

Introdução . . . . .	2
1 “Esquenta!”: uma descrição crítica . . . . .	3
2 Representação da favela pela Globo . . . . .	4
3 “Esquenta!”: uma exceção . . . . .	7
4 Pacificação e promoção das favelas cariocas . . . . .	9
5 “Esquenta!”: vitrine da pacificação nas favelas cariocas e re- sistência da cultura periférica . . . . .	10
Conclusão . . . . .	11
Bibliografia . . . . .	12
Anexos . . . . .	14

## Resumo

O presente artigo busca fazer uma análise comparativa entre a Ideologia adotada pela Rede Globo de Televisão ao representar a cultura das favelas em sua programação e o programa “Esquenta!” exibido semanalmente pela própria Rede Globo.

Com essa análise realizada sob a perspectiva da manifestação do preconceito de cor e raça, do uso de estereótipos, da abertura à manifestações culturais e à luz de teóricos como Thompson, Van Dijk e

---

\*Universidade de Pernambuco.

Hermano Vianna, o artigo busca encontrar resposta para a importância do programa “Esquenta!” do ponto de vista sócio-político, bem como tenta entender a sua existência na programação da Rede Globo de Televisão, tomando como princípio o histórico de preconceitos e desvalorização das culturas de comunidades carentes apresentado costumeiramente pela emissora.

Além desses aspectos, o artigo também se propõe a fazer uma observação política, levando em consideração os eventos esportivos como a Copa do mundo de 2014 e os jogos Olímpicos de 2016, a se realizarem no Brasil. A intenção dessa observação política se dá também no sentido de compreender até que ponto existe envolvimento entre as decisões governamentais, a Rede Globo e o “Esquenta!”.

**Palavras chaves:** Comunicação; Exclusão social; Cultura; Rede Globo de Televisão.

## Introdução

O presente artigo é fruto do estudo sistemático da programação da emissora Globo e busca criar um paralelo entre a maneira como a Rede Globo de Televisão representa a cultura das favelas na sua programação e o conteúdo do programa “Esquenta!” exibido aos domingos pela mesma emissora, com a proposta de divulgar a cultura das favelas – principalmente as favelas do Rio de Janeiro, no Brasil – e suas nuances.

A importância desse paralelo e dessa análise se dá porque a emissora Globo tradicionalmente valoriza em sua programação aspectos culturais de uma minoria elitista, enquanto marginaliza ou ignora movimentos culturais autênticos das favelas – a exemplo da mistificação e marginalização feita em torno do movimento Funk Carioca, uma manifestação cultural inspirada no ritmo funk norteamericano, adaptada à realidade das favelas cariocas e que, principalmente, por ser uma forma de expressão autêntica de classes mais populares, tem sido depreciada pela mídia de forma geral.

Nesse contexto de impasse, o programa “Esquenta!”, divulga a cultura dessas comunidades pouco representadas pela emissora e esta nova abordagem é positiva porque parece ser o início de uma ruptura ou uma pausa com a linha elitista de conteúdo. Mas até mesmo a existência e manutenção do programa na emissora incitam – diante do histórico ex-

clusivo e preconceituoso das programações habituais – algumas dúvidas acerca da real intenção de promoção da cultura versus utilidade pública do “Esquenta!”.

Partindo dessa observação, o artigo pretende levantar questões sobre a participação e função do “Esquenta!” na grade da emissora; o uso de estereótipos para representar os moradores das favelas por meio do programa e, principalmente, a importância política do “Esquenta!” para as comunidades.

Em um nível mais amplo, a compreensão desses aspectos pontuais facilitará o entendimento sobre a acessibilidade de classes sociais tradicionalmente excluídas à TV e a autovalorização dessas classes em função da exibição na TV aberta e desmistificação de processos culturais.

## **1 “Esquenta!”: uma descrição crítica**

O “Esquenta!” é um programa dominical de entretenimento exibido às 12h30 pela Rede Globo de Televisão e apresentado por Regina Casé<sup>1</sup>. A estrutura do programa é composta pela apresentadora, uma platéia, um grupo fixo de artistas e um grupo de artistas variados – que inclui atrizes e atores da emissora Globo, bandas de músicas populares, dançarinos e representantes das favelas.

Todos os participantes se reúnem em um cenário colorido e a impressão que se tem é de uma grande festa, onde todos podem participar, agir espontaneamente e apreciar a cultura – principalmente – das comunidades cariocas<sup>2</sup>. Inclusive a própria emissora vende a imagem do programa como uma festa.

A mistura entre artistas nacionalmente conhecidos e personalidades das favelas que ocorre nessa dinâmica, parece favorecer a proximidade entre a própria emissora e as manifestações culturais das comunidades, em especial quando atores e atrizes aparecem cantando ou dançando músicas populares, como pagodes e funks cariocas.

Porém a aparente integração promovida pelo programa – diante de um histórico de conteúdo preconceituoso e de exclusão de classes mais humildes na programação – remete ao pensamento apresentado por Van

---

<sup>1</sup>Apresentadora popular no Brasil, reconhecida pelas ações e trabalhos audiovisuais voltados para populações pobres.

<sup>2</sup>Ver anexo 1.

Dijk (2010) na obra *Discurso e Poder*, quando o autor sugere que a liberdade e a diversidade podem ser usadas pelos poderes dominantes da sociedade para atender aos interesses dos próprios grupos dominantes. O uso desses dois elementos se dá, porém, com base na ilusão.

A reflexão de Van Dijk leva a crer que, mercadologicamente, o programa está inserido na emissora com uma finalidade mais ampla do que a de apresentar a cultura brasileira e, principalmente a cultura das periferias do Rio de Janeiro.

Para que essa observação seja feita de perto, é válida uma análise da representação das favelas na programação da Globo e posteriormente a comparação ao próprio programa “Esquenta!” e a maneira como o programa representa os moradores da favela através do uso de estereótipos. Vale ainda inserir esse comparativo em uma análise sócio política para detectar as influências das decisões políticas atuais no comportamento da mídia em relação à representação das favelas.

## 2 Representação da favela pela Globo

A Rede Globo usualmente aborda as manifestações populares do Rio de Janeiro com um tom preconceituoso ou limitador e isso pode ser visto, principalmente em telenovelas, noticiários e programas de entretenimento.

Como exemplo dessa forma de representação, pode-se citar a matéria<sup>3</sup> exibida pelo programa dominical “Fantástico”, cujo tema era o “baile funk do corredor”, uma modalidade de baile funk, na qual os participantes, divididos em dois grupos – lado “A” e lado “B” – se encontram para brigar no corredor que divide os dois grupos, ao som de funk<sup>4</sup>.

Importante notar que aqui não se pretende fazer apologia à violência, mas analisar a forma de representação da modalidade de baile pela emissora e ressaltar a associação negativa que o “Fantástico” sugeriu entre o ritmo funk e a violência.

A reportagem começa com uma trilha sonora de tensão e a apresentadora Glória Maria dizendo que “o Fantástico conseguiu imagens impressionantes dos clubes do Rio que reúnem até seis mil pessoas, numa

<sup>3</sup><http://www.youtube.com/watch?v=GEu8SorkkEU>.

<sup>4</sup>Ver anexo 2.

pancadaria generalizada ao som do funk”. E no decorrer da matéria o ritmo funk é inserido como trilha, principalmente, em cenas de brigas no corredor, induzindo o receptor a associar o funk à briga e “pancadaria” – termo usado várias vezes na locução da matéria.

No restante da matéria nota-se uma disparidade nos discursos. De um lado o jornalista Pedro Bial, que narra a reportagem, concentra a entonação no deboche e ironia para mostrar reprovação à ida de pessoas ao baile do corredor. Do outro lado estão os moradores das comunidades, frequentadores dos bailes e seus familiares falando com naturalidade sobre o assunto e assumindo que ir ao corredor brigar com os amigos é uma forma de divertimento, de passar o tempo e até mesmo uma alternativa de atividade física para quem não tem dinheiro para pagar uma academia.

A importância do baile para a comunidade como um momento de reabastecimento de energia e sociabilização não é destacada na reportagem, há destaque apenas para a agressão que acontece naquele ambiente e a associação entre funk e brigas, como bem afirma Hermano Viana<sup>5</sup>, sobre a representação dos bailes funk na mídia.

“O que é problemático nesse tipo de abordagem é a redução que se faz do baile funk a uma pura prática da violência. Aqui tudo se passa como se o baile funk não fosse também um espaço de festa, de confraternização e de identificação individual e grupal; de encontro e troca; de intensa competição e solidariedade simbólica.” (VIANNA,1997,p. 73)

A expectativa das pessoas para o encontro com os amigos no clube e a vaidade dos participantes nos preparativos para o baile são apresentados, mas imediatamente ofuscados pelo tom irônico e depreciativo da edição. A ritualização parece agir, para o “Fantástico”, em função da violência e não de uma construção social.

Além da negação desse caráter de sociabilização, os entrevistados que apareceram indo ao baile foram apresentados sem identificação de nome e profissão nos letterings.

O desinteresse em reconhecer cada entrevistado na reportagem como cidadão é traduzida também na homogeneização que os noticiários,

---

<sup>5</sup>Hermano Viana é estudioso da cultura funk carioca e um dos idealizadores do programa “Esquenta!”.

como “Jornal Nacional”, “Jornal Hoje” e “Bom dia Brasil” – principais noticiários da emissora – dão às favelas cariocas. Nesses programas o tema que merece acesso e divulgação para o país, usualmente é a violência, como se nada de interessante fosse produzido nessas comunidades, como se não existisse nada além de tráfico de drogas e mortes.

Esse tipo de perspectiva, na qual impera a manipulação da difusão, supressão da informação e controle de formas simbólicas pela emissora Globo, compactua com o pensamento de Thompson sobre o poder “sistematicamente assimétrico”, resultando em uma situação de dominação.

“Em um sentido mais geral, ‘poder’ é a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses: um indivíduo tem *poder de agir*, poder de intervir em uma sequência de eventos e alterar seu curso. Agindo dessa forma, o indivíduo apóia-se e emprega os recursos que lhe são disponíveis. Assim a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses depende da posição dentro de um campo ou instituição. (...) Quando relações de poder são ‘sistematicamente assimétricas’, então a situação pode ser descrita como de *dominação*. Relações de poder são ‘sistematicamente assimétricas’ quando indivíduos ou grupos de indivíduos particulares possuem um poder de maneira estável, de tal modo que exclua (...) outros indivíduos ou grupos de indivíduos, não importando a base sobre a qual esta exclusão é levada a efeito”. (Thompson, 1990, p.199-200)

Entende-se a partir dessa concepção que a emissora Globo, em função do seu objetivo de manter uma programação elitizada, sustenta um conjunto simbólico voltado para a valorização da classe dominante e a constante marginalização das populações de morros e favelas e suas manifestações culturais.

O exemplo acima apontou um programa de entretenimento, mas essa prática de exclusão e manipulação descrita e respaldada teoricamente por Thompson e Vianna, atinge boa parte dos programas da emissora.

Diante dessa constatação a análise mais detalhada do programa “Es-

quenta!” ganha importância, já que este programa foge dos padrões ditados até então.

### **3 “Esquenta!”: uma exceção**

O programa “Esquenta!” surgiu na emissora em dezembro de 2010, dando oportunidade aos moradores e artistas das favelas – em especial as cariocas – de aparecerem na TV aberta e expressar opiniões e manifestações culturais de uma forma positiva. O programa não só identifica, mas também valoriza pessoas das comunidades e suas ações, a partir da inclusão.

Para representar de forma direta a voz da comunidade no programa, há a participação fixa de Camila e Maíra, duas mulheres negras, vaidosas e líderes comunitárias do morro do Cantagalo<sup>6</sup>. As convidadas participam do programa no mesmo ambiente dos artistas da Globo, respondem às perguntas feitas pela apresentadora Regina Casé, integram o corpo de jurados de quadros específicos e dançam com os artistas no momento em que as atrações musicais tocam.

A forma de participação das duas mulheres negras é relevante diante do histórico enfraquecido da participação de negros e moradores de comunidades carentes na televisão. Van Dijk ao falar sobre preconceito, afirma que o racismo é adquirido e aprendido:

“As ideologias e os preconceitos étnicos não são inatos e não se desenvolvem espontaneamente na interação étnica. Eles são adquiridos e aprendidos, e isso normalmente ocorre através da comunicação, ou seja, através da escrita e da fala. E vice-versa: essas representações mentais do racismo são tipicamente expressas, formuladas, defendidas e legitimadas no discurso e podem assim ser reproduzidas e compartilhadas dentro do grupo dominante.” (DIJK, 2010, p. 135)

A ausência de representantes negros e oriundos de favelas, na televisão ocupando papéis relevantes para o desenvolvimento das atrações,

---

<sup>6</sup>O Morro do Cantagalo está localizado no Rio de Janeiro e está inserido no programa de pacificação do Governo do Rio de Janeiro. A pacificação será abordado mais a frente. Ver anexo 3.

segundo essa linha de pensamento, também cria uma noção de realidade distorcida, incentiva à negação da existência de representantes desse grupo no país, induz à exclusão.

Ao colocar as duas participantes em uma situação de igualdade com os demais participantes do programa e dando-lhes os mesmos poderes para que se desenvolva uma comunicação horizontal dentro do programa, valoriza-se o espectador e as comunidades que, até então, tiveram pouca<sup>7</sup> representatividade na televisão aberta, em especial na Rede Globo.

Acompanhando essa linha de representações estereotipadas, nota-se também a participação fixa de Arlindo Cruz, famoso sambista, carioca de origem humilde; Leandro Sapucahy, produtor musical, também oriundo da periferia carioca; Preta Gil, cantora compreendida no universo musical, como ousada, irreverente e “sem preconceitos”; Fábio Porchat, comediante e um dos redatores do programa; Mumuzinho, cantor da comunidade de Realengo e Douglas Silva, ator negro oriundo de comunidade humilde do Rio de Janeiro, que começou sua carreira no cinema, atuando no filme “Cidade de Deus” em 2002.

A origem ou as características dos participantes revelam o incentivo e a valorização que o programa dá aos membros das favelas e suas manifestações culturais, porque a escolha desses personagens para integrar o elenco fixo do programa – pessoas inteligentes, em sua maioria oriundas de periferias e bem sucedidas dentro das suas áreas de atuação – indica uma aposta do programa na capacidade das pessoas e, fazendo uma extensão, indica uma aposta na capacidade dos moradores das comunidades.

Mas esse crédito que o programa oferece às pessoas das comunidades não fica apenas no nível subliminar ou nas entrelinhas. Esse aspecto é frequentemente exposto pela apresentadora Regina Casé, como ocorreu, por exemplo no programa exibido em 25 de fevereiro de 2012, após a apresentadora receber no palco o morador Dando, que desenvolveu em sua favela um sistema para distribuição de Internet gratuita para os moradores da comunidade em que ele mora, em Santa Cruz:

“Eu quero mostrar que aqui é um programa onde o traba-

---

<sup>7</sup>Além do “Esquenta!”, foi apresentado pela Globo o programa “Central da Periferia”, também apresentado pela apresentadora Regina Casé, que abordava a mesma temática de valorização das comunidades carentes do País.

lhador brilha. Eles vem aqui para mostrar como eles são fortes, como eles são vitoriosos, como eles são potentes. Trabalham pra caramba, moram na favela, moram num lugar difícil. Não tem grama, mas dançam bem, tem ideias, empreendem, inventam, são criativos. Esse é o povo do “Esquenta!”.”

A aparição dessas pessoas “vitoriosas” da favela na Tv aberta e em horário acessível, serve de exemplo para outros moradores não apenas das comunidades cariocas, mas das favelas do país inteiro e fortalece o pensamento positivo de que mesmo de origem humilde, as pessoas da favela podem fazer grandes conquistas na vida.

O tom de esperança que a participação dos convidados sugere reforça o clima de mudança trazido pela proposta da Política de Pacificação implementada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro a partir de 2008, com a intenção de erradicar o tráfico de drogas nas favelas e morros cariocas e instalar UPPs, Unidades de Polícia Pacificadora. O objetivo da ação é a redução da criminalidade e a retomada territorial das comunidades.

A ação governamental e a instalação estratégica das UPPs na cidade do Rio tem envolvimento direto com a Copa do Mundo de 2014 – evento que terá o Rio de Janeiro como uma das cidades-sede – e os Jogos Olímpicos de 2016 – que serão realizados no Rio de Janeiro. Este tema será aprofundado no próximo tópico, quando serão vistas também as consequências da ação do Governo na mídia e, conseqüentemente no “Esquenta!”.

#### **4 Pacificação e promoção das favelas cariocas**

Em novembro de 2008 o Governo do Estado do Rio de Janeiro iniciou a ação de pacificação nas favelas cariocas dominando favelas e instalando UPPs, Unidades de Polícia Pacificadoras que são, segundo a assessoria de comunicação do Governo do Estado do Rio de Janeiro:

“(…) um novo modelo de Segurança Pública e de policiamento que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades. Ao recuperar territórios ocupados há décadas

por traficantes e, recentemente, por milicianos, as UPPs levam a paz às comunidades (...)"([http://upprj.com/wp/?page\\_id=20](http://upprj.com/wp/?page_id=20))

O modelo de UPPs vem despertando comentários e sofrendo críticas, não só da oposição – como expressa em blog oficial o Deputado Federal Antony garotinho<sup>8</sup> –, mas principalmente de ONGs atuantes e de moradores, por ser uma ação invasiva que tem causado mal estar entre os moradores – principalmente pela adaptação que a população precisa fazer para se dirigir a um policial – e pelo fato de as UPPs estarem sendo implementadas prioritariamente em comunidades próximas aos estádios da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, como critica a ONG Justiça Global.

A intenção de implementar as UPPs para “organizar” a cidade para os eventos esportivos de 2014 e 2016 era clara, mas agora também está sendo propagada pelo Secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, em conferências internacionais, como a 2ª Conferência Internacional em Segurança no Esporte, ocorrida no mês de março de 2012 no Qatar, como divulgou o jornal *Folha de São Paulo*.

Dentro dessa dinâmica de promoção do Brasil como um país seguro e organizado para a realização da Copa do Mundo, tem-se observado algumas manifestações da mídia para apoiar os resultados da ação do governo com as UPPs, priorizando nas coberturas jornalísticas a abertura das comunidades pacificadas aos turistas e a tranquilidade das comunidades.

## 5 “Esquenta!”: vitrine da pacificação nas favelas cariocas e resistência da cultura periférica

A implementação das UPPs teve início em 2008, mas apenas em 2011 a emissora Globo começou a apresentar uma perspectiva diferente das favelas cariocas, com reportagens voltadas não mais para os bailes funk e a criminalidade, mas para a tendência de turismo e ações comunitárias nas favelas, com os jornalistas e apresentadores passeando pelas comunidades “pacificadas”.

---

<sup>8</sup><http://www.blogdogarotinho.com.br/>.

O programa “Esquenta!”, nesse contexto, funciona como um reforço da ação pacificadora do Governo ao visualizar e exibir a favela como um ambiente de produção cultural viva, reforçando o discurso de que a comunidade agora está livre para as manifestações culturais e que é um ambiente de alegria.

Além disso, em alguns programas o tema pacificação vem à tona, quando a apresentadora pergunta aos convidados vindos das comunidades se a favela deles estava pacificada ou quando em entrevista a um grupo de crianças a apresentadora ressalta o clima de paz presente nas comunidades sem a existência do clima de guerra entre policiais e traficantes.

Esse entendimento de um ambiente de paz acaba sendo positivo para as comunidades porque a partir do momento em que a emissora desloca o foco das suas matérias e programas do tráfico de drogas, para a variedade de manifestações culturais e para as pessoas das favelas, começa a haver a valorização das comunidades dentro do próprio estado do Rio de Janeiro e nos outros estados do Brasil.

A cultura da favela carioca, que estava restrita até então ao funk carioca para a maioria da população, passa a ser vista também em suas outras manifestações, como o passinho do funk, modalidade de funk onde as pessoas dançam de forma aleatória no ritmo do funk, fazendo, inclusive acrobacias; através dos estereótipos para representar estilos de vida da comunidade, como a figura da “ném” - mulher vaidosa da favela que chama as outras pessoas carinhosamente de “nem” e que usa roupas curtas e coladas ao corpo ou a partir das ações benéficas desenvolvidas dentro das próprias favelas

## **Conclusão**

O estudo comparativo entre a programação da Rede Globo e o programa “Esquenta!” aponta para a configuração de uma nova realidade, ligada a ações governamentais de pacificação e desenvolvimento de políticas públicas em comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Embora esta ação pacificadora sofra críticas por sua estratégia voltada para a organização do Rio de Janeiro para a Copa do Mundo e para as olimpíadas de 2016 e não tenha foco necessariamente na melhoria da qualidade de vida dos habitantes das comunidades, a visão que a mídia

tem passado das favelas do Rio de Janeiro, resguarda um pouco mais de respeito se comparado aos anos anteriores.

Nesse ambiente de mudança o programa “Esquenta!” surge como um agente valorizador da cultura das favelas e do esforço da população carente em busca da melhoria na qualidade de vida.

Mesmo como integrante de uma emissora que durante muitos anos excluiu e discriminou a população carente do Brasil e do Rio de Janeiro, o “Esquenta!” mostra que é possível estimular um tipo de pensamento diferenciado, voltado para a valorização de quem durante tanto tempo ficou sem vez e sem voz na televisão aberta do Brasil.

## **Bibliografia**

ABDALA, Vitor. Abin – Agência Brasileira de Inteligência. “Especialistas dizem que pacificação deve chegar a todo o Rio e não apenas a comunidades próximas a á.” Disponível em <http://www.abin.gov.br/modules/articles/article.php?id=8605> consultado a 13 de março de 2012.

“Baile funk do corredor”, Vídeo Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GEu8SorkkEU> acessado a 14 de março de 2012.

DIJK, Teun A. van. Discurso e poder. Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Governo do Rio de Janeiro, disponível em [http://upprj.com/wp/?page\\_id=20](http://upprj.com/wp/?page_id=20), consultado a 24 de março de 2012.

Justiça Global. Nota sobre o telegrama do consulado Norte-Americano divulgado pelo Wikileaks. Disponível em <http://global.org.br/programas/nota-sobre-telegrama-do-consulado-norte-americano-divulgado-pelo-wikileaks/> consultado a 15 de março de 2012.

Programa “Esquenta!”, disponível em <http://\T1\textquotedblrightEsquenta!\T1\textquotedblright.globo.com/platb/programa/>. Consultado a 12 de março de 2012.

RÜDIGER, Francisco. Introdução à Teoria da Comunicação. São Paulo: Edicom,1998.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes,1995.

VIANNA, Hermano (org). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1997.

## Anexos

### Anexo I



Cenário e animação do programa. Na imagem, muitas cores e pessoas no palco do programa. Duas moradoras da Comunidade do Cantagalo e uma atriz e um ator da Rede Globo dançando juntos.

### Anexo II



“Baile funk do corredor”

**Anexo III**



Participação igualitária de integrantes das comunidades carentes. Na imagem, Maíra moradora da favela do Cantagalo ao lado de artista.